



Discurso e Estética do Xangô em Palmares-PE

Lwdmila Constant Pacheco¹

Mayara Torlony Ferreira da Silva²

1. Introdução

Palmares, cidade localizada na Mata Sul do Estado de Pernambuco, trás consigo uma grande e forte herança histórico-cultural trazida pelos negros africanos que foram escravizados no Brasil entre os séculos XVI, XVII e XVIII. A cidade de Palmares foi, durante o século XVII, um dos mocambos (cidades) do Quilombo dos Palmares. Segundo Kouryh (2013), durante o século XVII o Estado de Pernambuco estava em luta contra o domínio holandês na região e, por esse motivo, não havia uma vigilância sobre o ajuntamento de escravizados fugidos e suas possíveis formações de quilombos. Assim, durante esse período, os quilombolas dispuseram de tempo para libertar mais pessoas do cativeiro e se organizar em mocambo, tornando o Quilombo dos Palmares o maior em número e tempo de existência da América Latina.

Na época, Alagoas e Pernambuco compunham um único e extenso território, sendo que o Quilombo, que tinha sua sede na Zona da Mata do atual Estado de Alagoas, estendeu seus limites até a Zona da Mata do atual Estado de Pernambuco: Quipapá, Palmares e Xexéu. Zumbi dos Palmares, um dos maiores líderes palmarinos, nasceu na Serra da Barriga, em Alagoas e foi vendido por saqueadores que invadiram o quilombo para um padre na cidade de Porto Calvo no mesmo Estado. Já adulto, Zumbi volta ao quilombo e enquanto não assume a função de rei dos Palmares é designado para liderar o Quilombo que se situava às margens do Rio Una, atual Palmares (PE). Com a chegada do valente guerreiro Zumbi, Palmares ganha vida, nome e história.

¹Psicóloga pela UFAL, pós-graduada em História Social do Poder pela UFAL, mestra em Psicologia Social pela UFS, professora assistente UPE. lwdmilaconstant@hotmail.com. Membro do grupo GEHSCAL – Grupo de Estudos em História Sociocultural da América Latina, UPE.

²Graduanda do curso de Serviço Social da UPE/Campus Mata Sul. Bolsista de Pesquisa PFA/UPE. mayaratorlonype@hotmail.com



Passando a ser território quilombola, Palmares estendia-se desde o interior alagoano ao pernambucano, contando com 260 quilômetros de extensão e 132 de largura (FREITAS, 1984).

Com a chegada dos quilombolas trazidos por Zumbi a Palmares, são trazidas também as diversas religiões do berço africano. Porém, com a destruição do quilombo dos Palmares, a região do Rio Una foi dividida em sesmarias e o pedaço que compreende a atual cidade de Palmares foi doado ao Capitão-mor do Cabo, Estevão Paes Barreto, que tinha obrigação de vigiar e povoar o território para impedir a proliferação de novos quilombos (KOURYH, 2013).

Assim, com a colonização da região e expulsão dos quilombolas é previsível uma repressão sobre qualquer manifestação de autonomia negra, mesmo essa sendo expressa pelos escravizados em suas raras horas de folga.

De acordo com Moura (2001), mesmo com expulsão dos quilombolas e todos os ataques aos Quilombos, os negros não foram capazes de vencer aquele embate, no entanto foram capazes de inaugurar uma sociedade diferenciada, promoveram novos costumes e desgastes de todos os tipos no sistema colonial.

Porém, mesmo com toda possível repressão que posteriormente a abolição da escravatura a configurou em racismo na tentativa de segregar os africanos e seus descendentes (prática que permanece até os dias de hoje) há na Palmares contemporânea Casas de Xangô em atividade, dentre elas, a de maior visibilidade: Casa dos Palmares, liderada pelo babalorixá Israel. Buscando compreender como tal Casa se mantém é que fizemos uma pesquisa com os adeptos da Casa dos Palmares sobre sua afirmação religiosa e, possivelmente, negra. As entrevistas focaram nos discursos dos religiosos, assim como na sua apresentação estética, isto é, se usam na Casa e no cotidiano roupas e adereços que os identifiquem como religiosos do xangô, quais são esses adereços usados e se encontram preconceitos por se assumir na cidade.



2. História da escravidão e da resistência do Xangô:

Por Palmares ter sido território quilombola durante os séculos XVI e XVII, os negros africanos deixaram aqui uma herança cultural rica em costumes, tradições, religiões etc. Levando em consideração a forte história quilombola em Palmares, a religião de matriz africana deveria ser uma das religiões predominantes na cidade. No entanto, não é o que acontece, pois são vistas igrejas católicas, evangélicas das mais diversas, mas só uma de Candomblé visível, no bairro de Santo Onofre, periferia da cidade.

O candomblé enquanto modelo religioso vem resistindo a uma infinidade de preconceitos e a força do tempo, que desgasta a relação originária com a África gerando muitas modificações em sua estrutura e ritualística. Hoje, pelo combate à intolerância e ao racismo, a partir de leis como a 7.616/89 e 9.458/97, as quais visam erradicação do preconceito racial e garantem direitos iguais entre todos os cidadãos, o candomblé ou xangô – como é chamado em Alagoas e Pernambuco – são um pouco mais respeitado e aceito por muitos. (LODY, 1987, p. 07/08).

Essa concepção de que, hoje, o xangô é um pouco mais respeitado se deve às políticas de valorização da estética e cultura negras, e do combate à intolerância religiosa. Além disso, precisamos destacar a importância da Lei 10.639/03, que visa promover o estudo e aprendizado da história da cultura africana e afro-brasileira nos aspectos culturais, econômicos e sociais nos ensino fundamental e médio. Apesar disso, a situação nas cidades do interior do Nordeste não é idênticas as das capitais. Se pensarmos que a presença negra no Brasil se deu por meio de uma corrida em busca de capital e mão de obra escrava e que, mesmo após a escravidão essa parcela da população foi excluída de acessar educação e trabalho, percebemos que o racismo não possui apenas interesses econômicos, mas de soberania racial.

Segundo Koshiba (1996), é no período colonial que a mão de obra negra se instaurada no país, uma vez que nesse mesmo período o Brasil colonial sobrevivia do latifúndio da cana-de-açúcar e precisava de mão-de-obra barata (leia-se: escrava) permanente para gerar lucros. Também, levando em consideração o que acontecia no mundo naquele momento, destacando o nascente sistema capitalista de produção graças a revolução industrial, o qual via o regime escravagista como um dos meios mais baratos para fazer crescer ainda mais a economia cafeeira, uma vez que o trabalho



escravo não era considerado um custo que fosse necessário ser pago, o trabalho não era comprado, mas o próprio trabalhador. Com isso torna-se mais rentável a escravização nas colônias européias, dentre elas o Brasil. Primeiramente ocorreu a escravização da população indígena, que, a longo prazo, não gerava lucro por não ser um comércio de larga escala como a exportação negra posterior, além dos indígenas terem passado a ser protegidos pelos Jesuítas ainda no século XVI, e terem mais possibilidades de fugir da escravidão por conhecerem as terras. Em substituição houve a escravização da população negra que chega ao país através do tráfico negreiro.

Nesse âmbito de interesses econômicos o continente africano é alvo de uma série de investidas que, da segunda metade do século XVI para à primeira do século XIX, serviram de cenário para o transporte de milhares de homens e mulheres da África para o Brasil, reunindo diferentes etnias, contrastantes estágios culturais e diferenciados sistemas sociais, políticos, econômicos e religiosos. (LODY, 1987, p.7).

Com a vinda dos africanos de diversas etnias para o país, é trazida várias referências religiosas que, por mais que não tivessem estímulo para sua execução, foram enraizando práticas as mais diversas, miscigenando com a religiosidade indígena e se configurando no que hoje denominamos de religião de matriz africana. Da reunião de povos e costumes dessemelhantes se forma no país o candomblé, que se apresenta neste cenário histórico e econômico como uma fonte de resistência e sobrevivência dos africanos e seus descendentes no Novo Mundo.

Sem dúvida a fundação religiosa norteia o homem africano. [...] Na relação memória milenar e grandes transformações, os modelos africanos encontram sustentação na história oral. [...] Tudo isso marca a história e a ação do homem africano, protagonista e autor dos seus próprios caminhos enquanto indivíduo, coletividade e civilização. (LODY, 1987, p.9).

Assim, vemos que mesmo com as dessemelhanças entre povos de santo (como são conhecidos e se reconhecem os religiosos de matriz africana no Brasil), os mesmo se reúnem numa afronta a negação de sua humanidade e, conseqüentemente estipulam uma forma de resistir politicamente às repressões, manter sua força e cultura.

Tivemos no Brasil a reunião de várias nações de povos de santo, que são a união de grupos étnicos que se caracterizam e diferenciam-se



principalmente por suas línguas. Entre essas nações temos: a nação Nagô (Iorubá) e as Jejes (fons). É a partir dessas nomenclaturas que sabemos a que nação pertence uma pessoa. Isso significa que os cultos serão diversificados a medida da nação que representa, e também do território que ocupa no Brasil, pois casas designadas pela mesma nação têm variação de rito a depender da região que se localiza. Isso se deve a incorporação da cultura local.

Atualmente, os rituais, cantos, danças, adereços, comidas das religiões de matriz africana se diferenciam e distinguem-se pela língua que assumem nas músicas e rezas ritualísticas que mantêm, de certa forma, a conexão do povo de santo com sua origem africana. Esse caráter preservador dá ao Candomblé um título de guardador dos costumes do povo de negro no Novo Mundo, assumindo a função de manter acesa a memória e a história desses povos (LODY, 1987).

No cenário político o Candomblé torna-se cada dia, mais forte e mais firme, pois é perceptível o crescimento de uma bancada no congresso que apóia o movimento negro e veta qualquer tipo de discriminação ou preconceito para com as religiões afro-brasileiras, como é o caso da lei 7616/89 de janeiro de 1999 que puni crime de raça, cor, religião ou nacionalidade. No entanto, percebemos, ainda, várias agressões dirigidas ao povo de santo, porém este mesmo povo irá continuar em busca de respeito por parte da sociedade, informando-a e contando-a sobre o Candomblé e atenção das autoridades para que as mesmas possam se comunicar mais com o povo de candomblé e lhes dá maior assistência.

São nos terreiros de Candomblé onde jovens aprendem percussão, dança, música, literatura africana e brasileira, culinária etc, e graças a essas ações aprendem uma profissão e podem ter uma alternativa e fugir dos índices de criminalidade³ que atingem diariamente as periferias do país. São essas atividades que conquistam os jovens e os levam a não optarem pelo

³ Segundo Marcelo Pellegrini, repórter da Revista Carta Capital, edição publicada em 04/12/2014, cerca de 30 mil jovens foram mortos em 2012, sendo 77% negros e 93% do sexo masculino.



tráfico, roubo, assalto, e outros crimes que diariamente acontecem dentro e fora das comunidades carentes do Brasil.

3. Características do Xangô em Palmares.

Segundo Lody (1987), o Candomblé, antes de tudo, é um espaço físico que, abastecido do espaço ideológico e das vertentes da tradicionalidade ou da emergência, está mais próximo das camadas historicamente mais resistentes. Tradicionalmente, o xangô sempre foi religião de negro de classe popular. Porém, atualmente, essa característica de exclusivismo racial e de classe vem se diversificando. A classe média branca tem se inserido, além do nível de escolarização dos adeptos também estar mudando (PRANDI, 2004).

O líder do Terreiro dos Palmares, principal Casa de Xangô do município, tem formação superior na área de educação. De sua ancestralidade, de quem herdou a casa, é o primeiro a concluir o ensino universitário. Mas, já existem outros adeptos, segundo o mesmo, que possuem ou estão fazendo uma graduação.

Mesmo com tantas mudanças significativas em relação a estereotipação racial/classe/escolarização, ainda se percebe uma dificuldade de afirmação religião por parte do povo de santo. Segundo o recenseamento de 2000, apenas 0,3% da população brasileira adulta declaram-se pertencentes a uma das religiões afro-brasileiras, o que corresponde a pouco mais de 470 mil seguidores (Pierucci e Prandi, 1996). Apesar que, se tratando das religiões afro-brasileiras, as estatísticas sobre os seguidores costumam oferecem números subestimados, o que se explica pelas circunstâncias históricas nas quais essas religiões surgiram no século XIX, quando o catolicismo era a única religião tolerada no País. No Brasil, mesmo sendo escravo, e também depois, sendo negro livre, era indispensável ser católico. Por isso, os negros que recriaram no Brasil as religiões africanas dos orixás, voduns e inquices se diziam católicos e se comportavam como tais. E continuaram sendo e se dizendo católicos, mesmo com o advento da



República, no fim do século XIX, quando o catolicismo perdeu a condição de religião oficial (PRANDI, 2004).

Em Palmares, cidade da zona da mata pernambucana, com cultura tradicionalista típica do interior, nos deparamos com uma situação inusitada: A fundadora do Terreiro de Palmares, Severina Teixeira, migrou da capital Recife, onde, supostamente haveria menos perseguição e preconceito pelo acesso mais fácil a informação e maior combate ao preconceito, para Palmares no ano de 1981 para abrir sua Casa após o período de iniciação e formação como Yaô e, posteriormente, yalorixá. A motivação foi a sua família, que era composta por evangélicos e não aceitava sua conversão no xangô. O Terreiro de Palmares apresenta assim uma característica de exceção quando se trata da fundação do mesmo que sai da capital para o interior, visto que é o inverso do que tende a acontecer em Alagoas e Pernambuco desde o começo do século XIX, pois há um enorme registro de migração para os grandes centros urbanos, de preferência Olinda e Recife. Como exemplo, o evento acontecido em Alagoas em 1912, chamado Quebra de Xangô, que gerou uma migração das Casas de Maceió e demais cidades de Alagoas para a capital da Bahia e Recife/Olinda (PACHECO, 2015).

Mas, apesar dessa tipificação exclusiva da migração da fundadora do Terreiro de Palmares (mãe do atual líder, Pai Israel), o motivo da sua conversão é similar a de outras lideranças religiosas: adoecimento sem tratamento médico possível, loucura e subversão.

4. O corpo e a estética no Xangô em Palmares

O corpo enquanto subjetividade vai além de ser orgânico. É uma expressão de nossas relações com as coisas através da história (CARDOSO JR, 2005). Assim, sendo o corpo a manifestação e ponto de possibilidade das relações, é no corpo que se inscreve o si mesmo e o outro, a identidade e o vir a ser social.

É com o corpo que marcamos a nossa presença, expressamos sensações e sentimentos, emoções e estabelecemos relações com o que nos



cercam, com o mundo e com a cultura. [...] visto como suporte de identidades, memórias e subjetividades, o corpo abre um amplo horizonte de conhecimentos, suscitando, é claro, dúvidas e indagações (PORTER, 1992, p 16) .

A fundadora do Terreiro de Palmares, Dona Severina Teixeira, se converteu porque seu corpo reclamou atenção e a orientou para esse caminho, segundo relato de seu filho e sucessor, Pai Israel:

Veio a questão da saúde dela, do tumor e (ela) toda vida foi doída, porque falava sozinha, conversava com quem ninguém via, só quem via era ela.

No Candomblé o corpo tem a função de mostrar o deus tutelar para o público, como uma espécie de espetáculo, ligar Divindade e homem num só corpo, cabido de gestos, batuques, que contagiam não somente o povo de santo, mas quem esteja presente naquele ritual de cores, magia, natureza, alegria, músicas, danças e muita fé.

O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. (MAUSS, 1934). Severina Teixeira só pode ter de volta sua autonomia quando conciliou seu corpo e espiritualidade ao, finalmente, aderir ao xangô. Ou melhor, tal autonomia só pode ser exercida quando, 10 anos depois de iniciada, Severina, influenciada por seu filho que já tinha crescido e também se tornado membro da sua religião, tomou a decisão de abrir sua Casa e gerir sua vida.

Porque o impasse foi justamente isso, abre ou não abre Casa? Mesmo com a determinação do orixá ela não queria abrir Casa. Aí nessa altura o menino (Pai Israel) já tinha crescido, em 10 anos né? Já tava com 20 e tava batendo de frente com ela dentro de casa (dizendo) que ela tinha que fazer, tinha que seguir o santo. E eu queria que ela abrisse e ela não queria e dizia: você vai ter dor de cabeça.

Nessa mesma época em que decidiu por abrir sua própria Casa de Xangô, seu filho, Israel oficializa sua participação na religião se iniciando em janeiro de 1981, aos 20 anos de idade.

Percebemos que o corpo é o mais importante instrumento do homem na sua trajetória ao longo da vida. No candomblé o corpo se faz de casa para recepção de seu Orixá e é nesse momento que acontece a ligação homem deus tutelar num só corpo. É a partir deste corpo que todas as funções são iniciadas dentro de um terreiro de santo, as funções são divididas a partir do



sexo, a arte de dançar para um Orixá só é possível a partir do corpo, e é neste mesmo corpo que ficam a mostra seus adereços e vestimentas, as cores que dão vida ao orixá e brilho ao ritual religioso.

Na vida, o corpo tem a função de sustentação, é nele que carregamos todo nosso aprendizado, nossos costumes, e segundo Mauss (1934), é no nascimento que começamos nossa educação corporal, porém é a partir da adolescência, tanto para homens quanto para as mulheres, que esses aprendizados se tornarão decisivos, será nesse momento que definirão as técnicas corporais que levarão por toda vida. Vemos que Pai Israel se torna protagonista na religião justamente nessa fase, aos 20 anos de idade.

Dentro das casas de Xangô, o corpo passa por seu aprendizado, na iniciação (nascimento) para a religião, ele vai aprender os costumes da Casa, da religião, as tarefas determinadas para cada pessoa, e de acordo com seu Orixá, o que ele pode ou não comer e beber, por onde ele pode passar, as cores que deve usar e seus comportamentos agora passam a ser totalmente ligados ao seu orixá.

Pai Israel descreve a luta e resistência dos seus 44 anos de vivência no xangô como prova de que sua religião e fé são fortes, assim como seu corpo:

Defender a religião da forma que eu defendo a 44 anos, desde menino, assumindo isso, sair encarando preconceito no colégio, infância, faculdade, trabalho e nada me mudou minha cabeça. Iquerê no pescoço, cabeça raspada, e batendo de frente, aqui mesmo dentro da faculdade...

E confirma que, apesar de tanta luta, sua ética e sua forma de vida construíram o respeito e visibilidade que hoje a Casa tem no município e em toda a zona da mata sul de Pernambuco:

Meu jeito de viver, meu jeito de fazer as coisas fez com que eu encarasse toda essa sociedade e a sociedade passasse a ter uma visão diferente. Eu costumo dizer, a chegada de mãe Severina em Palmares mudou a cara do candomblé de Palmares porque ela, além de ter sido forte, ela chegou com um filho de lado, é bem desenrolado pra comprar briga com o povo, pra dar apoio.

O corpo, assim, funciona como um fio condutor que liga o homem ao seu Orixá, ao outro, aos outros. Cada movimento é precisamente elaborado, estudado e efetuado dando vida ao orixá por meio do nosso corpo dentro das festas no Terreiro. O corpo mostra a vaidade, beleza, sexualidade, bravura, delicadeza, aspectos da natureza que identificam cada Orixá,



trazem à tona a memória ancestral repassada de geração em geração e fortalece a luta e resistência do povo de santo.

5. Metodologia de Pesquisa.

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa ainda em fase de execução, e tem por finalidade pesquisar sobre a história da cidade de Palmares pela ótica afro-religiosa, isto é, quais foram as mudanças pelas quais passou Palmares, seus costumes e tradições no que tange a presença do Xangô na região. Foram feitas visitas, entrevistas, registros fotográficos e anotações em diário de campo de festas e outros rituais que podemos participar no Terreiro de Palmares. Tal Terreiro é o maior e com maior visibilidade da região. Algumas entrevistas feitas ainda não foram analisadas, e outras Casas de Xangô ainda figurarão em nossas pesquisas.

Para o presente momento, trouxemos uma reflexão teórica permeada do discurso do principal líder de Casa de Xangô de Palmares, Pai Israel, para que possamos dar início a um reconhecimento formal e mapeamento dessa religião na Mata Sul do Estado de Pernambuco.

Tal trabalho baseia-se, assim, em relatos dos adeptos do xangô da cidade mediante entrevistas gravadas e devidamente autorizadas pelos mesmos e registro fotográfico das festas e adereços do xangô.

O Objetivo geral da pesquisa é apreender a afirmação da identidade religiosa através do discurso, estética e mapeamento dos Xangôs e seus adeptos em Palmares.

Estamos usando como instrumento de coleta de dados entrevistas semi-estruturadas gravadas, observação de campo e registro de imagens consentidas através de uso de máquina fotográfica.

6. Considerações parciais:

Apesar da herança coronelista, latifundiária, cristã e *branconormativa* da formação rural do município de Palmares há uma Casa de Xangô com visibilidade e reconhecido respeito no município. Tal Casa, apesar de não ser



única, é a referencia para religiosos de matriz africana e demais. Traz em sua fachada os símbolos e o nome do Terreiro, o que a distingue das demais Casas da região que se refugiam nos quintais e fachadas neutras.

Seu líder, Pai Israel, tem certo poder político na região e, por conta disso, leva sempre o nome da Casa e da sua negritude, expressa declaradamente e com orgulho.

Em seu relato, descreve as dificuldades de sua mãe para assumir-se de Terreiro e sua força ao sustentá-la e ampará-la nessa decisão. Tanto que se tornou seu sucessor após a sua morte.

Constatamos preliminarmente, o quanto o corpo enquanto manifestação racial e religiosa é importante no xangô. Que enquanto vitrine de adereços religiosos demarca espaço e enfrenta preconceitos e que, por isso mesmo, é foco de ligação e desligamento, como constatado na descrição das mudanças geográficas e de saúde e de doença de seus adeptos. O corpo é, pois, foco de saber e poder, do tempo, do espaço e da subjetividade sempre em formação.

Bibliografia:

CAMPOLIM, Sílvia. Candomblé no Brasil: orixás, tradições, festas e costumes. Super Interessante. Nº 11, Ano 9, 1995.

CARDOSO JR, Helio Rebello. Para que serve uma Subjetividade? Foucault, tempo e corpo. Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 18, n.3, 2005. PP. 343-349.

EYIN, Cido de Osun. Candomblé. A panela do segredo. Cidade: Arx, 2000.

FREITAS, Décio. Palmares: A guerra dos escravos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2007

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

KOURYH, Jussara Rocha. História dos Palmares. Recife: Bagaço, 2013.

KOSHIBA, Luiz & MANZI, Denizi Frayzi Pereira. História da América. São Paulo: Atual, 1996.

LODY, Raul. Religião e resistência cultural, São Paulo Editora Atica, 1987.



MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In: Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MOURA, Clóvis. Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil. Edufal, 2001

PACHECO, Lwdmila Constant. Racismo e Intolerância Religiosa: Representações do Xangô nos jornais de Maceió entre 1905 e 1940. Sankofa – Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, vol. 8, n. 15, São Paulo, 2015.

PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. A realidade social das religiões no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1996.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com Axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. Estudos Avançados. Vol. 18, n. 52, São Paulo. Sept/dec 2004.